

AKX. 70, p. 11

## Diário de Notícias, 4-5-69

NSISI BR

### Deputados Também Vêem

Os Deputados Paulo Pinheiro Chagas e Bias Fortes viram, no dia 17 de janeiro de 1968, a uns 15 quilômetros da Capital Federal, na estrada Brasília-Belo Horizonte, um estranho objeto que acreditam ser o discutido disco voador. Afirmando que não queria voltar mais ao assunto e dizendo falar no caso pela última vez, o parlamentar Pinheiro Chagas fez o seguinte relato da ocorrência: «Estávamos, eu e o Deputado Bias Fortes, por volta das 18 horas de quarta-feira em meu carro, viajando em direção a uma pequena propriedade que posso próximo à Granja do Ipê. Em dado momento, o Bias Fortes pediu que eu parasse o carro, pois ele estava vendo uma luz muito intensa na direção Oeste. Paramos o automóvel, e ao sair, olhei na direção indicada. Havia um objeto parado no céu, intensamente luminoso, de forma triangular. Estávamos assim, observando, cerca de quatro minutos, quando o engenho se deslocou na direção da cidade de Goiânia, numa velocidade incrível. Nós, então, não tivemos mais dúvidas de que vímos um objeto que todos classificam como disco voador. Depois desse impacto, voltamos ao carro e, ali mesmo, prometemos não contar o fato a ninguém».

A declaração do Deputado Bias Fortes foi a seguinte: «O Paulo tinha dirigido e eu olhando a estrada. Mais ou menos

as 18 horas, vi um objeto a cerca de cinco quilômetros, que me intrigou pela sua luz, que não tinha cor definida, mas era de uma intensidade que me fez indagar: será o Sol? Não pode ser — respondi a mim mesmo. Falei ao Paulo para parar o carro e indiquei-lhe a direção do objeto. Paulo olhou e ambos pudemos identificar aquela coisa esquisita: tinha forma triangular. Imediatamente, a coisa sumiu, numa velocidade espantosa, riscando o céu».

\*\*\*  
O Deputado Clemente Medrado declarou, na Câmara Federal, que, cerca das 18h30m, na fazenda de sua propriedade, perto da cidade de Salinas, nas divisas de Minas com a Bahia, viu um misterioso corpo luminoso, com três metros de diâmetro, em forma de pião, fosforescente e com as margens esverdeadas, que, de repente, surgiu no ar, uns 500 metros acima do morro mais alto da cidade. «Esse objeto subiu como se fosse um foguete, com intensa luminosidade, e perdeu-se nas nuvens». Acrescentou que «a luz do estranho engenho era muito mais intensa do que a do Cometa Halley». Disse que estava em companhia do Promotor de Justiça daquela Comarca, de um fazendeiro e um negociante. Todos observaram maravilhoso espetáculo.

### Na Fazenda "Não me Deixes"

A escritora Raquel de Queirós narra, no seu livro «O Caçador de Tatus», como foi que ela viu, no dia 13 de maio de 1960, na sua fazenda «Não me Deixes», distrito de Daniel Queirós, município de Quixadá, no Ceará, um disco voador, que apareceu por volta das 18h30m: «... Minha tia Arcelina viera da sua fazenda Guanabara me fazer uma visita, e conversávamos as duas na sala de jantares, quando um grito de meu marido nos chamou ao alpendre, onde, ele, estava com alguns homens da fazenda. Todos olhavam o céu. Em direção norte, quase a noroeste, a umas duas braguas acima da linha do horizonte, uma luz brilhava como uma estrela grande, talvez, um pouco menos claro do que Vesper e a sua luz era alaranjada. Era essa luz cercada por uma espécie de halo luminoso e nevoento, como uma nuvem transparente iluminada, de forma circular, do tamanho daquela «lagoa» que às vezes cerca a lua. E aquela luz com o seu halo se deslocava hori-

zontalmente, em sentido leste, ora em incrível velocidade, ora mais devagar. As vezes mesmo se detinha; também o seu clarão variava, ora forte, e alongado como essas estrelas de Natal das gravuras, ora quase sumida, ficando reduzido apenas à grande bola fofa, nevoenta. Essas variações de tamanho e intensidade luminosa se sucediam de acordo com os movimentos do objeto na sua caprichosa aproximação. Mas nunca deixou a horizontal. Dessa modo andou ele pelo céu durante uns dez minutos ou mais. Tinha percorrido um bom quarto de círculo total do horizonte, sempre na direção do nascente; e já estava francamente a nordeste, quando embicou para a frente, para o norte, e bruscamente sumiu — assim como se apaga um comutador elétrico. Esperamos um pouco para ver se voltava. Não voltou. Corremos, então, ao relógio: eram seis e três quartos, ou seja, dezoito e quarenta e cinco. Pelo menos unas vinte pessoas estavam conosco, no terreiro da fazenda, e todas viram o que nós vimos».

### Espetáculo Depois da Festa

No dia 16 de julho de 1968, por volta de meia noite, o Dr. João Abbud e sua esposa, Dra. Olga, ao se retirarem de uma festa em Icarai, na residência de sua amiga, Eugénia Cândida, Tesoureira da Secretaria de Finanças do Estado do Rio, depararam com um enorme disco voador imóvel no céu, a pouco mais de cinquenta metros acima do prédio. Na entrevista que nos concedeu, a Dra. Olga Caetano, que é procuradora do Estado, declarou: «Estávamos, eu e Flô de Tapuia, na janela, conversando, quando vimos um foco luminoso bem distante, no céu estrelado e sem Lua. Parecia um balão, mas estava parado. Apontamos a luz ao meu marido, que entrava na sala naquele instante e este, em tom de galhofa, disse: «É um disco voador». Depois esquecemos o assunto. Mal sabíamos que, dentro em pouco, iríamos viver momentos de intensa emoção, a mais estranha aventura de nossa vida. Ao sairmos, Abbud olhou para o céu e falou: «Olha ali o disco voador, Olga! Bem acima da nossa cabeça, imóvel, havia um objeto enorme, escuro, circular, mas bem visível. Na parte inferior achataada, saía por uma grande abertura redonda um feixe de tubos prateados, como se fossem canos de descarga. Corremos para a praia e nos sentamos em um banco, de onde pudemos observar com mais calma o misterioso engenho, até que este soltou uns jatos de fagulhas pelos tubos e subiu na vertical, desaparecendo em segundos».

Nas suas declarações, o Dr. João Abbud confirmou todas

as palavras de sua esposa, fornecendo ainda outros detalhes de importância: «Quando disse que o foco de luz distante era um disco voador, fui por brincadeira apenas. Não poderia imaginar que se tratasse de uma nave espacial mesmo. Ao sairmos da casa de Eugénia, na Rua Joaquim Távora, Olga se lembrou do «balão» e eu olhei para o céu. Gritei: «Ali está o disco voador!» Era enorme, assustador! Estava tão próximo que, mesmo escuro, pudemos observar vários detalhes. Do lado voltado para nós, havia três ou quatro aberturas, como escotilhas, que deixavam ver a iluminação interna, de cor avermelhada, semelhante à luz elétrica comum. Em baixo, sobressaindo de uma abertura circular, vários tubos oscuros, como canos de descargas, prateados, bem visíveis naquele corpo escuro! Corremos para a praia e nos sentamos num banco que fica em frente ao bar, para apreciar melhor o espetáculo inusitado. De repente, sem o menor ruído, a nave soltou feixes luminosos, de um colorido vermelho granada, pelos tubos inferiores, subiu em tremenda velocidade, verticalmente, e desapareceu no infinito. Tudo isso durou apenas alguns momentos».

O Dr. João Abbud é Consultor Jurídico da Secretaria Interior de Justiça; assessorou várias Secretarias do Governo Carvalho Janoti; foi Promotor da Carreira e Conselheiro da Ordem dos Advogados.